

**As paixões do Pedro:
Entrevista com Pedro de Souza**

*Pedro's passions:
Interview with Pedro de Souza*

Atilio Butturi Junior

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

PEDRO DE SOUZA é Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, onde se dedicou à Análise do Discurso e à Teoria da Enunciação. Recém aposentado, continua a atuar de forma voluntárias nos Programas de Pós-Graduação de Linguística e de Literatura. Pedro é Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do CNPq, doutorou-se orientado pela professora Eni Orlandi e desde então tem se dedicado aos estudos foucaultianos – seja em sua pesquisa diária, seja em seus pós-doutoramentos.



Nossa conversa breve foi feita *on-line* – logo com Pedro, que gosta de encontros e de contato. O campo, como se verá, é o da academia, mas também do afeto. Ele não é só uma figura fundamental na formação de muitos de nós – na minha, foi professor, orientador informal, aconselhador, banca –, mas também é um entusiasta da análise do discurso e dos vários papéis que nela o trabalho de Michel Foucault pode representar.

Eis, pois, o Pedro – para quem ainda não o conhece e para quem ficará feliz em revê-lo.

Atilio Butturi Junior (ABJ): *Eu gostaria de começar pensando na sua trajetória acadêmica. Você defendeu seu mestrado em 1987 e lá você já discutia a ideologia e o político. Como foi o encontro com essas questões, logo no momento em que começava a se consolidar um campo de análise do discurso na UNICAMP. Como se deu o seu contato particular com as questões do discurso e da enunciação?*

Pedro de Souza (PS): Quando comecei o mestrado em Língua Portuguesa, na PUCSP, já tinha muito interesse pela linguagem em movimento. Não foi por acaso, que minha primeira orientadora foi Elza Miné, uma professora especializada em Sociolinguística e em Pragmática. A razão é que eu já vinha de uma experiência profissional no jornalismo, e eu queria olhar para a linguagem tal como ela acontecia no meu esforço para transformar os fatos que eu colhia na rua em textos de reportagem. Fui repórter, malgrado minhas grandes dificuldades. Tentei me enveredar pelo trabalho de reportagem. A coisa mais difícil era sair na rua, cobrir um fato na rua e voltar para a redação e transformar o fato que testemunhei em texto.

Depois fui levado a realizar determinados tipos de cobertura que era a cobertura da imprensa minoritária dos anos setenta. Comecei então a cobrir os movimentos populares que na época batalhavam contra a ditadura. Foi assim que meu momento mais prazeroso foi quando fui repórter *free-lancer* no Jornal *O São Paulo*, um semanário da Arquidiocese de São Paulo que teve seus dias de glória porque enquanto toda a grande imprensa era censurada e não podia fazer a cobertura das coisas como aconteciam, o jornal *O São Paulo*, dirigido pelo Arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, publicava aquelas matérias censuradas ou publicadas com buracos em outros jornais como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*. Era a gente como repórter *free-lancer* que ia para a periferia

cobrir os movimentos populares. Destaco sobretudo o movimento do custo de vida e o movimento do loteamento clandestino. Foi assim que acabei exercendo um tipo de reportagem setORIZADA cobrindo principalmente as greves dos operários no ABC não só para o jornal *O São Paulo*, como para a imprensa nanica paulista – tabloides de esquerda, os jornais *Movimento*, *Opinião*.

Tudo isso explica meu interesse em escolher o campo de estudos da linguagem. Minha ideia foi desenvolver uma pesquisa de mestrado que fosse uma reflexão de como eu usava e de como eu escutava a língua portuguesa nos movimentos populares. Daí veio a ideia de eleger como objeto de análise os discursos do Lula, o então líder sindical dos metalúrgicos, Luiz Inácio da Silva. Desenvolvi então o projeto de mestrado que eu chamei de *A imbricação dos aspectos linguísticos e ideológicos na enunciação do discurso político*. Trabalhei especificamente com as falas de Lula, diante da assembleia de operários, que eu cobria no estádio Euclides da Cunha, em São Bernardo do Campo.

Como Elza Miné teve de viajar para trabalhar em Portugal passei a ser orientado pela Profa. Mara Zanotto Paschoal, muito dedicada aos estudos da metáfora. Mara Sofia não era iniciada em Análise de Discurso, mas tinha muito interesse em Pragmática e a Teoria dos atos de fala.

Nesse momento ainda me encontro tomado pela linguagem como objeto independentemente de quem a produz, embora já usasse Análise de discurso como ferramenta de análise. Então fui trabalhar com os discursos do Lula, mas não estava abordando Lula como sujeito. Não via na fala do Lula uma plataforma de subjetivação em suas enunciações. Eu via no Lula um lugar de produção de enunciado. O máximo a que eu chegava era a atos de enunciação que davam origem a textos. Por isso, a teoria argumentativa de Oswald Ducrot juntada com os aspectos ideológicos de natureza discursiva, conforme proposto por Michel Pêcheux, foram me fornecendo a metodologia e a construção das hipóteses de análise. O certo é que a problemática da subjetividade tal como me veio depois ainda não aparece na minha dissertação. Eu até já estudava Émile Benveniste, só que de um ponto de vista meramente estruturalista.

De modo que meu interesse pelo sujeito em enunciação só veio no momento em que iniciei o doutorado já sendo orientado por Eni Orlandi. Certo que o tema da subjetividade é central na escola francesa de Análise de discurso. Só que me via abordando o sujeito em discurso com uma certa objetividade perguntando: que sujeito é

esse, que ideologia é esta que faz sujeito? Isto equivalia a me colocar de fora dos processos subjetivos que pretendia analisar. Com o doutorado minha postura mudou. Passei a assumir como minhas as questões que investigava nos universos o mais variados de discurso, não só o da sexualidade.

ABJ: *E seu encontro com Eni Orlandi? Aliás, em que medida houve um deslocamento teórico-metodológico quando você entrou no doutorado?*

PS: Na minha formação, Eni Orlandi foi um ponto de virada. Com ela e a teoria de discurso que ela começava a desenvolver nos anos oitenta, aprendi bem a tocar a palavra – escrita ou falada – como linguagem e enunciação em movimento. Enquanto fui construindo meu projeto de doutorado fui me deixando tomar por uma ideia de subjetivação que comportava a relação do falante com o que diz, se constituindo como sujeito. Em verdade, nunca disse isso a Eni, mas ela me impulsionou a ser mais ousado no trabalho de investigação na área de linguagem. Passei a ser um linguista a se ocupar de coisas de que a academia linguística não se ocupava por entender que questões como sexualidade não era coisa de linguistas. E ainda mais: ousei a investigar a linguagem a partir de questões muito próximas de mim mesmo: a minha sexualidade. Refletir criticamente sobre a negritude me ocorreu logo depois do doutorado.

Então penso que entre o modo de Eni Orlandi trabalhar e o que fui desenvolvendo, sob a orientação dela, não houve deslocamento teórico-metodológico e sim radicalização. Ainda havia um certo receio em tomar como objeto de pesquisa casos que estivessem muito próximos da militância e da vida do pesquisador. Meus amigos antropólogos já faziam isto, e me inspirei neles. Nestor Perlongher, autor de *O negócio do michê*, foi um desses inspiradores, amigo muito próximo de mim.

Ao ler o meu projeto na versão em que encaminhei para solicitar uma bolsa de doutorado, a reação de Eni foi de prevenção. Ainda me lembro de suas palavras. quando comentou meu projeto diante de meus colegas: “muito militante”, resmungou ela. Mas, depois de aprovado na FAPESP, e com os primeiros desenvolvimentos, Eni começou a se entusiasmar, embora o viés fosse fortemente foucaultiano. Acontece que o aporte analítico sobre a base da perspectiva da heterogeneidade enunciativa de Jacqueline

Authier-Revuz deixou claro que se tratava sim de uma análise de discurso que não abdicava do linguístico como seu pressuposto.

ABJ: *Você foi contemporâneo de muitos dos pesquisadores e muitas das pesquisadoras que hoje temos como nomes consolidados do campo dos estudos discursivos. Como era a relação de vocês na época de formação e naquilo que era o trabalho de ler e discutir textos ainda inéditos no Brasil?*

PS: Muito bom que você me faça lembrar disso agora. Éramos um grupo muito coeso e com plena consciência de estarmos contribuindo com a construção de um campo ainda não consolidado, pelo menos até o início dos noventa. A Análise de discurso era uma espécie de partido de esquerda no domínio da linguística. Então agíamos com grande cooperação discutindo uns a escrita de outros e formando grupo de leituras e de pesquisa que resultaram na produção de coletâneas temáticas. Dali vieram livros como *A leitura e os leitores*, *Formação da identidade nacional* com os quais fazíamos reverberar as elaborações de textos inéditos que nós mesmos traduzíamos em parceria. E não era apenas os inéditos de Michel Pêcheux.

ABJ: *Ainda sobre sua formação. Seu doutorado, para mim, traz uma série de pontos extremamente relevantes e já apontam o caráter pioneiro da sua pesquisa. Primeiro, porque vem de uma atividade de militância, de um estar no mundo que, embora hoje vigore como uma verdade científica, poderia parecer estranho à época; depois, porque traz a sexualidade para o centro da problematização do discurso, o que também será feito – de forma organizada, digamos –, pelo menos dez anos depois; terceiro, porque há na sua tese um forte gosto foucaultiano, que parece ter sido um encontro naquele momento. Como você chegou a esses três deslocamentos?*

PS: O doutorado me levou a reverter meu modo de olhar para subjetividade em Análise de discurso. Mas para isso, foi preciso me voltar para a prática militante e fazer dela meu objeto de investigação. Neste momento, eu que já lia e tinha interesse por Michel Foucault, passei a ler Foucault, com mais aplicação, a partir do primeiro volume de *História da sexualidade*. Tudo isto me veio muito a calhar. Com meu envolvimento

ativista no Grupo Somos de Afirmação Homossexual, eu construí meu objeto de investigação envolvendo a minha própria experiência na relação com a linguagem. Envolvido num dos setores de ativismo no Grupo Somos, que era o de cuidar da correspondência enviada ao grupo, servi-me do arquivo dessas cartas, e fiz dele um projeto de investigação.

Lembro que meus companheiros de militância na época ficaram entusiasmados. Com a ideia de eu levar para a academia questões de cunho muito subjetivista e até intimista. Como a angústia de ser ou de se afirmar homossexual poderia ser objeto de interesse de uma área da Linguística? Afinal, o tema mal era abordado no domínio da psicologia. Só que na área da História e da Antropologia. O tema da homossexualidade. Já tinha alçado a objeto de interesse de estudo. Mas a maneira de eu propor a análise suscitou curiosidade. É que a palavra do gay seria colocada em cena e protagonizada. Não que o resultado, na parte das análises, tivesse sido acolhido e entendido pelos leitores em geral. Infelizmente, acabei prestando contas do saber a mim cobrado já que era um doutorado na Linguística. De qualquer modo, fico surpreso que até hoje esta tese ainda muito citada e muito referida quando se trata de falar de homossexualidade. Acredito que isso se deva ao fato de eu ter conseguido colocar a fala do homossexual no protagonismo da história dos movimentos homossexuais.

***ABJ:** Agora, aproveito o ensejo para trazer Foucault à baila. Nos Programas de Pós-Graduação em Linguística e de Literatura da UFSC você foi a pessoa central para desenvolver os estudos sobre Michel Foucault e, a partir dessa pesquisa, certamente foi um daqueles que promoveu, de forma menos tensionada, o encontro entre Pêcheux e Foucault. Isso foi deliberado ou apareceu como uma urgência metodológica?*

PS: Sim. Foi deliberado. Mas muito mais por pela urgência de minha paixão por Michel Foucault que passei a trazer para mais perto de meu modo de pensar, falar e escrever. Os cursos de Foucault no Collège de France tinham para mim uma força, a princípio constrangedora – tinha receio de mimetizar o filósofo francês apresentando suas aulas em classe. Só que quando entrei em contato com sua letra e sua voz nos cursos era como se me deixasse tomar mediunicamente por suas palavras, seu pensamento, seu ensino. A cada vez que levei um curso para a sala de aula tinha a feliz coincidência dos

fatos que aconteciam na atualidade política e histórica do país. Foi o que senti, em cada uma das aulas sobre o curso *Governo de si e dos outros*. O presidente Luiz Inácio da Silva. Estava enredado em seu governo. Por conta das denúncias do mensalão. Percebi que para compreender analiticamente o que se passava era só deixar Foucault falar. Daí tive de me distanciar de Michel Pêcheux e sua tese sobre a ideologia. Porque sob a perspectiva da escola francesa de análise de discurso, a tendência dos analistas era a de julgar, ainda que de maneira irrepreensivelmente metódica. O que se procurava era saber se Lula era culpado, levando em conta as condições ideológicas de sua implicação no caso. Até um de meus orientandos me desafiou, com êxito pela qualidade do trabalho que produziu, a me contrariar, colocando Lula na berlinda. Com Foucault, pude mostrar que era bem diferente trabalhar as condições de possibilidade de uma ou outra apreciação analítica. Se tratava de pensar não a responsabilidade pelo estado de coisas na crise governamental que se arrasta até agora, mas sim de diagnosticar o estado das coisas tal como acontecia, sem pretensão de impor uma verdade. Em resumo, não rejeitei Pêcheux, apenas troquei uma bússola por outra no intuito de escapar ao risco de cair na armadilha do que se pretende evitar, ou seja, a ideologia.

O curso *A coragem da verdade* foi o que mais me afetou. Senti-me totalmente a vontade ao expor cada uma das aulas enfatizando e tornando atuais os gestos de coragem que ele invocava como que falando de si mesmo. Não me incomodo e até admito ter me distanciado da obra livresca do filósofo porque me interessava não tanto o conteúdo do pensamento que Foucault desenvolvia em aula, mas sobretudo o seu modo de produzir em múltiplos atos de enunciação. Foi o que me fez parar e me dedicar a ouvir a voz de Michel Foucault em muitos de seus cursos até então inéditos e só acessíveis na época em arquivos fechados. O modesto resultado desta aventura está no livro *O trajeto da voz na ordem do discurso*, publicado pela Editora Pontes, 2009.

Hoje, mesmo os que desconfiavam desta paixão pela leitura dos cursos. Abdicando dos livros, por fim entendem que um conjunto já não pode mais ser lido sem o outro. A única vez em que ouvi Roberto Machado, lembro-me de ele dizer que tinha deixado de considerar os cursos de Michel Foucault editados em livro como obra secundária.

ABJ: *Ainda com Foucault – e daqui por diante sempre com ele: num texto recente, Qual o lugar do linguista na análise do discurso?, você pensa a língua “em funcionamento na boca do falante” para deslindar o nó entre o discursivo e o não-discursivo que funda a Arqueologia. Nós, nesta edição, nos colocamos no campo da linguística – de maneira institucional, eu diria – para pensar com Foucault. Você poderia falar um pouco do papel desse linguista e o seu papel de analista do “funcionamento” do discursivo?*

PS: Esta é, eu diria, uma descoberta recente minha. Mas não estou inventando a roda. Os trabalhos do jovem foucaultiano Daniele Lorenzini – a quem agradeço a gentileza de partilhar comigo suas ideias nas vezes em que participamos juntos de eventos *on-line* – e também os textos de Jocelyn Benoist me guiaram na busca de uma outra perspectiva de discurso no livro *A arqueologia do saber*. Há aí um ponto de vista de que não há discurso sem língua. Mas a língua que pressupõe Foucault não é para o discurso a das formas sistemáticas pensadas tanto pelos saussurianos, quanto pelos chomskianos e até mesmo pelos pragmatistas de índole logicista. A língua é a palavra colocada em funcionamento para produzir mundos, saberes, coisas. No levantamento dos arquivos de rascunhos de Foucault enquanto escrevia *Arqueologia de saber* ficou demonstrado que sua inspiração para elaborar o enunciado como discurso veio de Austin, de quem lhe encantou a ideia do linguístico não como forma mas como funcionamento. E no funcionamento o que se pega é o ato, isto é, não as palavras por elas mesmas enquanto estão. Não é preciso entender todas as palavras ditas, diria Foucault. Isto não é importante. O que importa é que o analista consiga captar o que está acontecendo. E o que está acontecendo só se pega pelo ato de fala. O que o sujeito faz com as palavras é o acontecimento coincidindo com o ato de falar. E este acontecimento é o discursivo. Então para Foucault além do fato de que alguém fala, é preciso estabelecer uma relação com o que se diz em certo instante e o que se diz ou está dito em outro lugar. É disto que se trata quando se considera o que o falante faz com as palavras ao empregá-las.

ABJ: *Você fez duas inflexões na leitura de Foucault que me parecem interessantes: a primeira, de uma leitura que leva em consideração a Teoria da Enunciação, no vértice Benveniste-Agamben; a segunda, na modalidade material da voz.*

Essas duas questões parecem acompanhar seu trabalho pelo menos há dez anos e me parecem relacionadas, como programa de pesquisa. Pensá-las como uma relação é lícito?

PS: Bem, é lícito pelo menos numa perspectiva que responde aos meus interesses. O Benveniste que eu amo hoje talvez seja diferente do Benveniste que Barthes amou. Digo isso porque com Agamben levo às últimas consequências o que há na teoria benvenistiana da enunciação como presença. Esta presença não é do sentido, mas do ato que antecede o sentido. Quer dizer se o sujeito se constitui pela linguagem isto não acontece obviamente pela ação de um sujeito na origem. Acontece apenas pela presentificação de um ato, o de falar apropriando-se da linguagem. Agamben chama atenção para o fato de que em Emile Benveniste a primeira condição para que haja enunciação é a realização vocal. Isto me faz atentar para a presença de um ato vocal convertendo a língua em discurso, com tudo o que isso significa: sujeito, sentido, etc. Daí retiro, meu interesse pela pesquisa da voz como ato de enunciação cuja materialidade vem do ato de colocar a voz em articulação com sons específicos, no caso os que conformam uma linguagem. O que tem me interessado é justamente o atrito entre o singular da voz e o que a faz soar materialmente submetida a certa sistematicidade linguística. Gosto dos textos de Giorgio Agamben, como *O autor como gesto*, quando retoma o lugar vazio do sujeito-autor preconizado por Foucault, e o preenche como gesto, ele mesmo vazio de subjetividade.

ABJ: *E o seu interesse na voz feminina? Aproveito: como você passa de um interesse da voz como objeto para se tornar uma voz que canta – e o faz publicamente? No limite, quais as implicações entre a paixão pela escuta (uma arqueologia que você fez num desses últimos eventos) e a emergência, na cena pública, daquele que canta?*

PS: Sua pergunta me ajuda a fazer uma revisão crítica do que tenho trabalhado sobre voz. Em verdade, no início, não quis me voltar especialmente para a escuta da voz feminina, mas para a escuta da voz em circunstâncias que a faz ser escutada como feminina. O caso é que trabalhei primeiramente com cantoras associando seu canto à expressão de sua condição de mulher em certo estrato histórico. Mas não questioneei a

relação entre essa condição histórica e a materialidade vocal de seu canto. Apenas atentei para o sujeito em que se convertiam as mulheres usando a voz como atitude de enunciação. Poderia, porém, falar da voz, como tentei em alguns trabalhos posteriores, independente do corpo em que se origina. Foi assim que, por exemplo, analisei as circunstâncias discursivas em que a voz de Maria Gadu foi escutada. Acontecia de, na cena de suas primeiras aparições cantando em público, seu corpo não condizer com a voz da menina entoando melodicamente as palavras. No filme *Transamérica*, 2004, roteiro e direção de Duncan Tucker, analisei a cena em que a personagem transexual masculina exercitava a passagem de sua tessitura vocal para a frequência feminina. Estava economizando a fim de se submeter à última cirurgia que a transformaria definitivamente numa mulher. A personagem estava para conhecer o filho de 17 anos e não desejava aparecer como homem, o pai que o filho queria conhecer. Diante do espelho, há um momento em que afirma, depois de longo treino vocal: “esta é a voz”. Vemos aí uma cena de auto escuta da voz, em que ao contrário do exemplo da cantora Maria Gadú, faz a voz coincidir com certa imagem de corpo feminino. Entendo então que não se trata da voz em si como objeto de análise em meus trabalhos, mas da maneira como é escutada não importa de que corpo venha. É claro, pensando que o corpo da origem vocal é o que se produz a partir do que dele se faz mediante o dizer sobre a voz escutada.

ABJ: Já que falamos de Agamben, eu aproveito para pensar a atualidade e a biopolítica, que aparecem de maneira efetiva em seus últimos escritos e falas sobre a Covid-19. Se desde sua tese aparece o problema do corpo e do gênero, do desejo e da exceção – que eram um modo de pensar o seu próprio tempo –, qual o papel do intelectual e do acadêmico nesses tempos de desdemocratização, como tem defendido Wendy Brown e tantos outros? Ainda: diante dos ataques à ciência e à universidade, estaríamos retomando uma vontade militante – como defendia Foucault em A coragem da Verdade?

PS: Considero delicado tocar nesse tema. Constrange-me aceitar a demanda do intelectual que venha dizer que sabe como as coisas devem ser. Penso que cabe ao intelectual agir apontando sim para intolerável – o fascismo na sua forma mais violenta. Difícil dizer que não cabe ao intelectual mostrar o certo e o errado, mas as condições em que valores de verdade ou falsidade aparecem historicamente. Este é o legado de

Nietzsche para Foucault. Acompanhei pouco a polêmica em torno das manifestações de Agamben, mas no pouco que li percebi que o problema estava não no que Agamben apontava sobre as crenças quase religiosas na ciência e na ingênua submissão à tirania do estado se aproveitando da pandemia para mais uma vez controlar a população. Pela palavra de seus críticos, senti que Agamben se equivocou na forma de tecer sua crítica. Não era necessário negar o aparecimento da pandemia, para alertar sobre os perigos de um poder tirânico se aproveitando de uma dura crise de saúde pública. Então, vejo o papel do intelectual como a voz esmiúça os contornos de certa movimentação social e política e faz ver como esses contornos desenham um estado de coisas e os perigos nele implicados. Por exemplo, não sei se importa tanto fazer pensar o conteúdo do pensamento bolsonarista que se viraliza, mas a maneira como ele opera desenhando uma sociedade antidemocrática. Em outros termos, é preciso fazer com que as pessoas pensem sobre esta ou aquela lógica, fazendo ver, na esteira da memória, os desastres que podem comportar certa maneira de ver e construir o mundo atual. Não preciso gostar do negro ou da cultura negra, sim entender que do lugar dado a qualquer minoria na estrutura social depende a garantia do lugar dos que se distanciam dos diferentes mediante valores racistas ou fascistas. Também não aludo ao ingênuo intelectual que acredita no lema “há lugar para todos”. Penso no intelectual radical no sentido que, em domínios específicos, vai à raiz dos confrontos, buscando não acabar com a tensão, mas abrir brechas de relações livres, ou de práticas de liberdade, como conceituou Michel Foucault. Isto é criticamente atuar ou militar, mais do que sobre os problemas, mas sobre a maneira com que as coisas fazem problemas. Lembro agora da celeuma sobre vacinar ou não as crianças contra a covid-19. Quando surgiu a vacina contra paralisia infantil, vacinou-se as crianças sem pestanejar. Por que agora vacinar crianças se torna um problema no Brasil? Muitos podem continuar suas posições contra ou a favor, mas a intervenção de um ativismo intelectual ajuda a compreender porque o fazem desta ou daquela maneira. A função do intelectual militante é fazer pensar de outro jeito, nunca contra ou a favor do que quer que seja. Para tanto é preciso fazer enxergar o que se passa para além de qualquer avaliação moral, seja para o bem, seja para o mal.

ABJ: *A questão da atualidade, ainda. Como você vê o campo dos estudos discursivos e qual o papel que os estudos de Foucault desempenham nele no Brasil?*

PS: Bem. Nos diferentes modos de desempenhar, penso que o campo dos estudos discursivos ganha um posto firme e definitivo. Até mesmo a expressão ‘campo discursivo’ para designar um domínio de especialidade acadêmica é muito feliz porque foca distintamente o objeto e o domínio. Digo isto porque, embora hegemonicamente atuado na área das Ciências da linguagem, notadamente a linguística, o discurso é objeto de interesse de outros domínios das ciências humanas como a história, a psicologia, a antropologia, a literatura. Até mesmo o domínio do que se chama ciências exatas se vale de aportes de análise de discurso para pensar suas questões. Em resumo, concebo o campo de estudos discursivos como um domínio em que se pode colocar em questão o saber e suas formas de se constituir em cada área. Daí que não é preciso considerar a língua ou a linguagem para analisar discurso. Isto é, claro, especialidade dos linguistas. Entretanto o historiador, como ensinou Paul Veyne, pode examinar o seu objeto sob a perspectiva do discurso sem entrar nas particularidades da língua em que se escreve a história. No meu caso, tenho buscado pensar a voz e a canção como discurso vinculando o campo da música popular ao da linguística e da literatura. Penso no que realizam magnificamente Luiz Tatit e José Miguel Wisnick.

Agradecimentos

ABJ é bolsista de Produtividade em Pesquisa – Nível 2, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Recebido em: 08 de abril de 2022

Aceito em: 15 maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Atilio Butturi Junior
E-mail: atilio.butturi@ufsc.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2259>
